



# As Águas de Alfama como património hidrogeológico de Lisboa

## *Alfama Springs as an hydrogeological heritage of Lisbon*

**Elsa Cristina Ramalho e Maria Carla Lourenço**

**Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, I.P, Estrada da Portela,  
Bairro do Zambujal, 2720 ALFRAGIDE**

[elsa.ramalho@ineti.pt](mailto:elsa.ramalho@ineti.pt) [carla.lourenco@ineti.pt](mailto:carla.lourenco@ineti.pt)

### SUMÁRIO

O património hidrogeológico das Águas de Alfama, em Lisboa, é aqui abordado de forma muito sucinta, através do modo como as suas águas foram utilizadas ao longo de vários séculos. Faz-se igualmente uma descrição geológica da zona e uma caracterização hidroquímica muito genérica das águas, baseadas em registos históricos. Por fim perspectivam-se novas utilizações para a água, passíveis de integrar a recuperação urbanística e social deste bairro histórico de Lisboa.

Palavras-chave: património, Alfama, hidrogeologia, termas

### SUMMARY

The hydrogeological heritage of the Alfama Springs, in Lisbon is summarized describing the way their waters were used for several centuries. A geological description of the area and a generical hydrochemical characterization of the waters based on historical registers are made. Finally other uses for the waters are equalized, to integrate the urban and social recuperation in this historical “bairro” from Lisbon.

Key-words: heritage, Alfama, hydrogeology, spas

## 1. Introdução

Uma parte importante do património histórico do bairro de Alfama revela-se nas suas águas, as chamadas Alçaçarias, que apesar de actualmente serem praticamente desconhecidas, tiveram um papel fundamental na história desta parte da cidade. Estas águas, com temperatura acima de 20°C e caudal elevado, possibilitaram a existência de condições para, no final do século XIX, serem qualificadas como “águas minero-medicinais” pela então Inspeção de Águas. As águas tiveram, ao longo dos séculos, uma utilização diversificada, consoante o local e o tipo de emergência, tendo, inclusivé, sido a fonte de abastecimento dos navios dos descobrimentos. O seu apogeu materializou-se, no entanto, na concessão de exploração de quatro “balneários públicos”, ainda no século XIX, que operaram durante algumas décadas. Para além das emergências tradicionais, uma nascente denominada Fonte das Ratas, posta a descoberto no Largo das Alçaçarias, na década de 60 do século XX, atingiu uma grande popularidade, apesar de nunca ter sido qualificada como “água minero-medicinal” à luz da legislação então em vigor. Abandonadas há mais de 25 anos, actualmente as nascentes encontram-se

seladas e canalizadas para o Rio Tejo por condutas cuja localização exacta se perdeu nos tempos.

## 2. Breve enquadramento geológico e hidrogeológico

As águas de Alfama fazem parte do grande número de nascentes que se estende pela margem do rio Tejo, desde a Fonte da Bica até ao Chafariz de El-Rei. Detalhadamente estudadas por Choffat (1895-1898) [1], destaca-se um grupo que foi utilizado com fins mais nobres: Alçaçarias de D. Clara, Alçaçarias do Baptista, Banhos do Doutor, Alçaçarias do Duque, Bica do Jardim do Tabaco, Largo da Fundição e a Bica do Sapato. As quatro primeiras foram, sem dúvida, emergências de água quente, com temperaturas entre os 24° e os 34°C, enquanto que entre as águas frias contava-se a Bica do Jardim do Tabaco, Largo da Fundição e a Bica do Sapato.

As Alçaçarias de D. Clara (24°-28°C), Alçaçarias do Baptista (32° a 34°C), Banhos do Doutor (27°C) e as Alçaçarias do Duque (30°C a 34°C) encontram-se alinhadas na zona entre o Largo do Chafariz de El-Rei e o largo do Chafariz de Dentro, ao longo da Rua do Terreiro do Trigo. Estas águas quentes, que

constituíam o que genericamente se chamou Grupo das Alcaçarias [1;2] e ainda o Chafariz de El-Rei, parecem estar alinhadas no contacto entre o Complexo das Areolas da Estefânia (Burdigaliano) e o Complexo do Banco Real, do Miocénico, entre duas falhas de direcção aproximada NE-SW [3] (ver figuras 1 e 2). Choffat (1895-1898) reconhece seis sub-grupos nas águas da zona de Alfama, dispostos sobre uma linha curva com convexidade virada em

direcção à terra. As duas extremidades desta linha são identificadas por este autor como o Chafariz de El-Rei e a Bica do Sapato, distando entre si 1010 m, enquanto que a linha de termalidade, relativamente acentuada, do Chafariz de El-Rei ao Largo da Fundação, não tem mais que 550 m de comprimento. O Grupo das Alcaçarias encontra-se enquadrado estruturalmente por cinco falhas de direcção aproximada NE-SW [3].

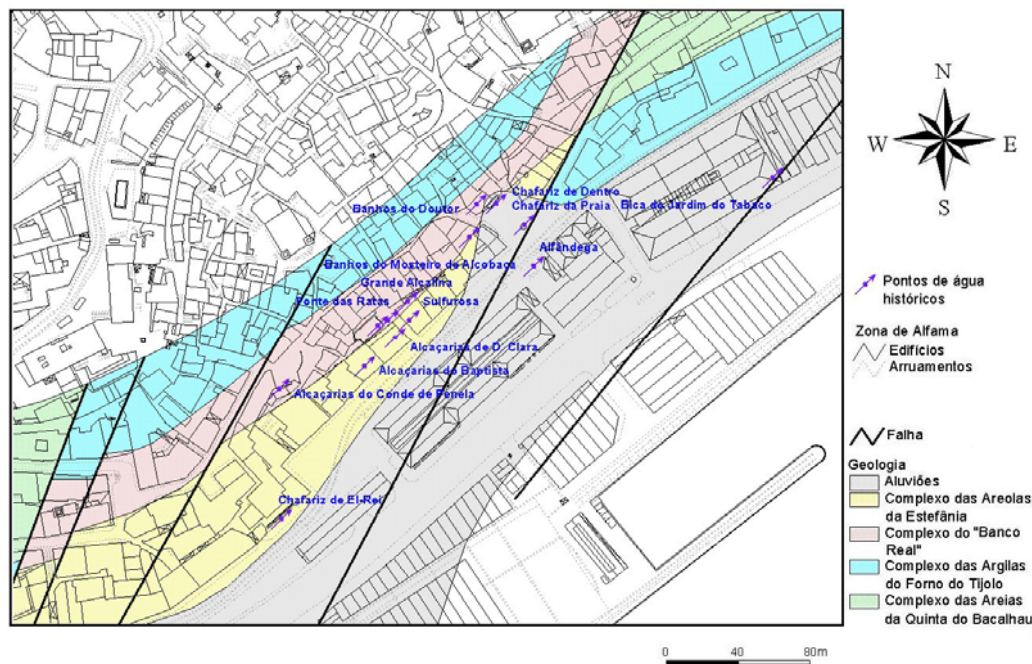


Fig.1: Planta geológica da zona de Alfama baseada em Moitinho de Almeida (1972).

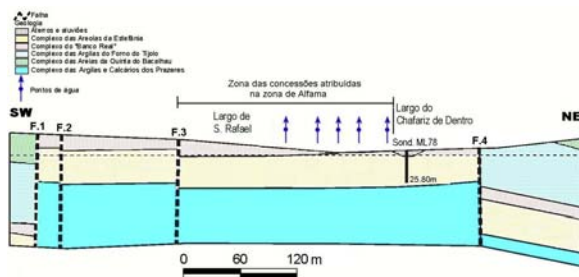


Fig. 2: Perfil geológico interpretativo da zona de Alfama (Moitinho de Almeida, 1972).

De acordo com a literatura [2;4], as águas do Grupo das Alcaçarias de Alfama podem ser genericamente caracterizadas como águas bicarbonatadas cloretadas-sódicas ou cálcicas, com resíduo seco (a 180°C) de cerca de 600 mg/l. Embora não existam registos precisos dos seus caudais, Acciaiuoli (1944) [5] classifica o caudal das Alcaçarias de “abundantíssimo”, enquanto que Andrade (1935) indicou um caudal para as Alcaçarias do Duque de 6.6m<sup>3</sup>/h. Estas tinham duas nascentes distintas, a Grande Alcalina, com caudal abundante de água

bicarbonatada calco-sódica e uma temperatura de cerca de 30.8°C e a nascente Sulfúrea ou Sulfurosa, um pouco menos mineralizada que a antecedente e com temperatura mais elevada (31°C). A maior parte das águas do Grupo das Alcaçarias parece possuir mineralizações totais muito semelhantes, mas a água dos Banhos do Doutor aparenta ser de todas a de mais baixa temperatura e de mais baixa mineralização, enquanto que água mais mineralizada parece ser a das Alcaçarias de D. Clara [4].

### 3. As águas de Alfama enquanto património hidrogeológico

Apesar das águas de Alfama serem praticamente desconhecidas na actualidade, não só a sua existência é conhecida pelo menos desde os tempos árabes, como também foram amplamente utilizadas pela população de Lisboa ao longo dos tempos. Não existe consenso acerca da origem e do significado da palavra *Alfama*, mas hoje é geralmente aceite que tenha a sua origem a partir da corrupção do termo árabe *Alhama*, que significa fonte quente [6;7]. Por isso, devido à existência de todas estas emergências,

a toponímia da zona tem uma grande ligação com actividades ligadas à água. Exemplos disso são o Beco dos Curtumes (ou Beco das Alcaçarias), Beco das Barrelas (ou Beco de Alfama) e o Tanque das Lavadeiras. O próprio Largo do Terreiro do Trigo denominava-se Campo da Lã, que era uma praia, onde a lã secava após ser lavada nos tanques do Beco dos Curtumes [8].

A história documentada das águas de Alfama é antiga, quer em relação à sua termalidade, quer ao aproveitamento das virtudes terapêuticas que se afirmava terem. A referência mais antiga que se conhece é de um geógrafo árabe, que em 1002-1085 menciona a existência, junto à Porta das Termas, de duas águas, uma quente e uma fria, que ficavam cobertas pela maré quando esta subia [9]. Acciaiuoli (1944) refere Duarte Nunes de Leão que no seu livro “Descrição do Reino de Portugal”, de 1610, dizia que as Alcaçarias “*serviam às mulheres de serviço para ensaboarem a roupa, por escusarem aquecer a água, a qual se se bebesse, parecia que faria algum bom efeito.*” Segundo parece, esta é a primeira referência feita aos efeitos benéficos que as águas produziram. O mesmo autor menciona ainda que Frei Cláudio da Conceição, no tomo VI do Gabinete Histórico, publicado em 1820, refere a abertura dos banhos chamados até então, das Alcaçarias, que doravante se passaram denominar Alcaçarias do Duque “*por ser o Duque de Cadaval senhor deles*”, a qual teve lugar em 17 de Junho de 1716. A primeira referência explícita às virtudes terapêuticas da água também é feita nesta publicação, onde o autor as compara com as águas das Caldas da Rainha, mencionando igualmente a sua exploração para balneários públicos, onde, sob orientação de cirurgiões britânicos, “*tomaram por sua conta reduzir a forma mais cômoda o uso destes banhos, reduzindo-os a catorze, com os seus camarotes, seis para homens e oito para mulheres, todos providos de muita água e com tão boa ordem que as mulheres têm diferente entrada e se não podem encontrar com os homens.*”

É, contudo, de Henriques (1726) [10] a primeira descrição médica exaustiva das virtudes terapêuticas das águas das Alcaçarias, a que ele chamou de “Caldas de Lisboa Oriental”, referindo que estas águas são “*... de muita utilidade em curar as intemperanças quentes das entranhas, do sangue, do útero, dos rins e das mais partes do corpo; e os estupores e parlesias espúrios; a debilidade de estômago; a fraquesa e queixas das juntas que ficam das gotas artélicas, e reumatismos; as convulsões, os acidentes do útero (...), os vômitos dos hipocôndrios; as diarreias (...). Para os achaques a que chamam do fígado, são prodigiosos, porque curam as pústulas, sarnas, impingens, lepra e todos os achaques e defecções cutâneas...*”.

De um número apreciável de alcaçarias referenciadas na literatura [6], apenas as Alcaçarias

de D. Clara, Alcaçarias do Baptista, Banhos do Doutor e as Alcaçarias do Duque foram concessionadas em 1894 e exploradas como exíguos “balneários públicos” durante algumas décadas. Estes consistiam em alguns pequenos quartos nos quais se instalavam tinas onde eram tomados os banhos de água termal. Apesar do pequeno número de quartos existente, havia “separação de sexos”, para o que serviam os quartos independentes.

Foram as termas das Alcaçarias do Duque que tiveram maior longevidade, persistindo até 1978, altura em que foram declaradas irremediavelmente inquinadas e abandonadas.



Fig. 3: Edifício das antigas Alcaçarias do Duque.

Para além desta sua utilização em fins terapêuticos, até ao século XVII todas as águas desta zona eram igualmente aproveitadas para lavagem de lãs e curtimento de couros, não se sabendo, no entanto, a localização exacta destes tanques de curtimento, admitindo-se por tradição, que se localizavam numas casas no lado norte do Beco dos Curtumes [8]. Foram igualmente utilizadas como lavadouro público de roupas, durante mais de três séculos, tendo dado origem ao célebre Tanque das Lavadeiras de Alfama.

Em 1880, a Companhia das Águas de Lisboa cobriu o tanque, fez dele depósito e aproveitou as águas [5]. Posteriormente ao seu fecho, a Câmara Municipal de Lisboa fez o arranjo do local [11], tendo a demolição de um muro ao lado do edifício onde se localizavam as Alcaçarias do Duque, no Beco dos Curtumes, posto a descoberto a nascente que alimentou muitos anos o Tanque das Lavadeiras. Os populares chamaram-lhe Fonte das Ratas, nome com origem na degradação a que o local chegou no início da década de 60 do século XX, que recolhia inúmeros esgotos que transformavam o local numa “verdadeira estrumeira”, antes da Câmara Municipal de Lisboa ter efectuado as tais obras de beneficiação [11].



A popularidade da Fonte das Ratas, que, de acordo com a crença popular “tinha múltiplas virtudes terapêuticas” e cuja reputação curativa da água se espalhou rapidamente, atingiu o auge em 1963/64, em que milhares de pessoas se acotovelvavam e esperavam horas para encher os seus garrações de água, ao ritmo de cerca de 360 garrações/hora, abrاندando apenas entre as 3 e as 5h da manhã (ver figura 4).



Fig. 4: Afluência à Fonte das Ratas, no auge da sua popularidade (foto retirada do Diário Popular, de 20 de Outubro de 1963, [11]).

Os únicos registos estatísticos disponíveis da actividade termal das Alcaçarias do Duque (DRHG, s/ data) dizem respeito à sua utilização durante o período compreendido entre 1928 e 1932 (imediatamente a seguir à publicação do Decreto com força de lei nº15401, de 17 de Abril de 1928). Este período, tendo abarcado os anos imediatamente seguintes à Grande Depressão, não será porventura representativo da evolução da frequência termal nas Alcaçarias do Duque em outras épocas financeiramente menos difíceis. Tendo sido registados mais de 1200 aquistas ao longo destes anos, a utilização da água das Alcaçarias do Duque distribuía-se por banhos, duches, irrigações e banhos comuns [12].

#### 4. Considerações finais

Ao longo do último século, a zona de Alfama foi palco de sucessivas intervenções urbanísticas que visaram a melhoria das condições de vida dos seus habitantes e acessibilidades. Além disso, os próprios edifícios em que se situavam as termas foram sofrendo alterações, fundamentalmente adaptadas aos usos que se lhes foi dando. Actualmente, as nascentes encontram-se seladas e a água é aduzida para o Rio Tejo em condutas de localização desconhecida.

O significado histórico e patrimonial que envolve estas águas poderá justificar a promoção do seu aproveitamento, uma vez que representariam um testemunho da vivência tradicional do bairro de

Alfama. Por outro lado, o aproveitamento geotérmico das águas potenciaria a valorização de um recurso endógeno local e amigo do ambiente. Além disso, proporcionaria uma oportunidade de desenvolvimento da actividade económica, sendo desejável que esta fosse promovida a par da intensa intervenção urbanística que se verifica actualmente na zona, no sentido de recuperar quanto possível o seu património histórico hidrogeológico, tanto na sua componente de recurso hidromineral como geotérmico.

#### Referências Bibliográficas

- [1] Choffat, P. (1895-1898) Les eaux d'alimentation de Lisbonne – rapport entre leur origine géologique et leur composition chimique. *Comunicações da Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Tomo III, p.145-198.
- [2] Andrade, C. F. (1935) Memória descritiva sobre a modificação a introduzir na actual captagem da “Alcalina” das Alcaçarias do Duque. 47p.
- [3] Moitinho de Almeida, F. (1972) Parecer hidrogeológico sobre uma sondagem executada no Largo do Chafariz de Dentro para o Metropolitano de Lisboa. *Revista da Faculdade de Ciências*, 2ª série. C – Ciências Naturais, Vol. XVII – Fasc. 1º, pp. 187-196.
- [4] Almeida, A. (1952) Lisboa, Capital das Águas. *Revista Municipal*. Separata dos nºs 49 e 50. 27p.
- [5] Acciaiuoli, L. (1944) *Águas de Portugal minerais e de mesa: história e bibliografia - Vol. III: História das águas minerais: águas minerais com concessão*. Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. 6 vols, Lisboa, 192p.
- [6] Vieira da Silva, A. (1987) *A “Cerca Moura” de Lisboa* (1ª edição de 1899). Estudo histórico descritivo. Município de Lisboa, 3ª edição. 195p.
- [7] Santana, F. & Sucena, E. (1994) Dicionário da História de Lisboa, pp. 39-41.
- [8] Vieira da Silva, A. (1987a) *A Cerca Fernandina de Lisboa* (1ª edição de 1948). Município de Lisboa, Volume II, 2ª edição. 190p.
- [9] Sidarus, A. & Rei, A. (2001) Lisboa e o seu termo segundo os geógrafos árabes. *Revista Arqueologia Medieval*, nº 7, Edições Afrontamento, pp.37-72.
- [10] Henriques, F. F. (1726) *Aquilégio Medicinal*. Edição fac-similada de 1998. Instituto Geológico e Mineiro. Lisboa. 288p.
- [11] DRHG (s/ data) Arquivos da Divisão de Recursos Hidrogeológicos e Geotérmicos da Direcção-Geral de Geologia e Energia. Processos 28/MIN, 29/MIN, 30/MIN e 35/MIN.
- [12] Ramalho, E. C. & Lourenço, M. C. (2005) As águas de Alfama – memórias do passado da cidade de Lisboa. *Revista da APRH*, v. 26, pp.101-112.